

## APRESENTAÇÃO

Proporcionamos novamente aos leitores contumazes da **SOMANLU: Revista de Estudos Amazônicos** do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), um mosaico de textos, estruturados a partir de um olhar relativamente multidisciplinar, que investigam um conjunto de questões amazônicas relacionados à sua vida pretérita e presente. O conjunto de textos que a compõe cobre faz um arco que vai das palafitas de Manaus à relação política e território não deixando de passar pela dança na escuta do corpo ribeirinho.

O artigo de abertura, *Palafitas de Manaus: relações entre natureza e cultura no espaço da cidade*, escrito a seis mãos – Mirna Feitoza Pereira, Márcio Alexandre dos Santos Silva e Taissa Dias Barros –, tem como “objetivo compreender a arquitetura [das palafitas] como textos da cultura amazônica, utilizando a semiótica da cultura como fundamentação teórica”. Os autores argumentam que se pode “concluir que o próprio espaço geográfico no qual as palafitas incidem, isto é, o igarapé, conforma o espaço semiótico necessário ao funcionamento dos sistemas de signos dessas construções”. Não deixa de ser interessante ao leitor da **SOMANLU** cotejá-lo com o texto de Thatyana de Souza Marques, *Minha casa é aqui dentro: o sentido social do arranjo da casa de Amanã*, onde a autora procura, a partir de resultados parciais da pesquisa do seu doutoramento, “compreender os elementos e condições para que um espaço arquitetônico adquira o *status* de lar, baseado no conceito de arranjo. *Minha casa é aqui dentro* sintetiza o sentimento de pertencimento à região amazônica onde, por exemplo, o histórico de ocupação, as relações de parentesco, as atividades produtivas, o viver em comunidade, sempre se relacionam com a centralidade da moradia ribeirinha, na organização social da vida, e a dinâmica socioambiental”. *A dança na escuta do corpo do ribeirinho: o PROFORMAR valorizando os profissionais da educação na Amazônia*, embora trate da dança articulada ao Programa e Educação a Distância – PROFORMAR, não deixa de “complementar” os dois artigos anteriores, ao explicitar “a escuta do corpo e da expressão gestual do ribeirinho – na verdade, da mulher ribeirinha – que são parte do contexto sociocultural Amazônico”. O texto investe na interação






da díade homem/ambiente, mediada pela dança, no contexto amazônico, procurando mostrar a parceria dança/tecnologia, promovendo mudanças no cenário pedagógico articulada ao estudo da natureza da arte.

Os textos “*Eles são cristãos como nós*”. *O ser e o viver em comunidade na Serrinha*, de Camila Corrêa Félix, *Armazém Quinze*, de Otoni Moreira de Mesquita, e *Sítios do encontro: Arqueologia do entorno do Encontro das Águas*, também escrito a seis mãos – Helena Pinto Lima, Carlos Augusto da Silva e Bruno Marcos Moraes –, tratam, em diferentes perspectivas, a vida pretérita amazônica. Em uma perspectiva etnográfica, a Autora do primeiro texto investiga “como o encanto funda diversos âmbitos da vida da comunidade – na relação ser/viver – como a questão do sangue menstrual e como os elementos que fazem parte de um mundo em constante relação com as forças naturais e espirituais revelam práticas que suscitam uma conceituação da natureza não separada à priori da cultura”. O segundo autor, apoiado em significativa documentação histórica, procura evidenciar que “o *Armazém 15* é uma das mais antigas construções que integram o complexo do Ponto de Manaus, tombado em 1987, juntamente com as outras edificações que compõem o conjunto que se encontra distribuído pela área de ocupação mais antiga da cidade de Manaus [evidenciando que esse foi o *locus*] onde foi iniciada a ocupação de Manaus [devendo, portanto, ser reconhecida com] a área histórica mais relevante da cidade”. O terceiro texto toma o sítio rupestre Ponta das Lajes, como um estudo de caso, mostrando “as maneiras como o homem pretérito interagiu com o ambiente tropical levando, por exemplo, à formação das terras pretas de índio, que são solos antropogênicos muito férteis. Não deixam ainda de sustentar que o reconhecimento das paisagens amazônicas atuais é fruto de milhares de anos de intenso manejo ambiental indicando as discussões sobre a sustentabilidade a novos rumos e colocam a arqueologia e o conhecimento arqueológico em evidência”.

Os artigos de Ricardo José Batista Nogueira, *Política e território: a invenção de uma Região Metropolitana*, Renato Ferreira de Souza, *Mapeamento da incidência de dengue em Manaus* (2008): estudo da associação entre fatores socioambientais na perspectiva da Geografia da Saúde, e de Ricardo José Barbieri, *As escolas de samba e a cidade de Manaus (AM)*: construindo uma proposta de pesquisa etnográfica, revelam certos aspectos da vida social cidadina presente tecendo os traços configurativos de um futuro possível. Ricardo José Batista Nogueira,





de modo arguto, lembra-nos a relação intrínseca entre geografia e poder, evidenciando “a capacidade que a ação política tem de fazer a geografia, noutras palavras, criar territórios necessários para o exercício da gestão estatal. Nesse sentido, toma como *locus* empírico a criação da região metropolitana de Manaus (RMM) como uma invenção geográfica inusitada da política local e mostra como estes novos territórios têm servido a diversos estados como meio imprescindível dos governadores de estados terem uma intervenção política nas aglomerações urbanas”. Renato Ferreira de Souza, ao investigar a espacialização da dengue na cidade de Manaus, sustenta que Geografia da Saúde só pode compreender esse fenômeno corretamente articulando certas disciplinas – por exemplo, urbanização, temperatura e pluviosidade – ainda que numa incipiente perspectiva multidisciplinar. Urbanização, temperatura e pluviosidade são tomados como alguns fatores sociais e ambientais propícios para a transmissão da dengue, contribuindo assim, como instrumento de estudo para a produção do espaço promotor da saúde, por parte do geógrafo. Ricardo José Barbieri, ao tomar Manaus e as escolas de samba como lugares de pesquisa, e a sociabilidade da vida moderna como categoria estruturante de análise, procura mostrar “o desfile das escolas de samba como acontecimento cultural relevante que explicaria em parte a dinâmica da vida da própria Cidade. Apoiado em etnografias urbanas, intenta mostrar que nesses momentos da vida de Manaus ocorre uma expansão das redes de relações sociais, o que acaba por suscitar a entrada de novos agentes na estrutura competitiva das escolas de samba e sua expansão em diferentes festas no estado do Amazonas”.

O texto de Davi Avelino Leal, *A relação entre história e filosofia em Michel Foucault*, encerra o conjunto de artigos dessa **SOMANLU**. O texto problematiza “contrassensos reiterados que marcam a recepção dos trabalhos de Foucault entre os historiadores e filósofos, quando está em pauta o modo como tais trabalhos relacionam Filosofia e História”. O Autor acaba por concluir que “o papel que a história desempenha no pensamento de Foucault só pode ser compreendido na medida em que percebemos o modo singular como ele concebe a própria atividade filosófica – ‘meus livros, afirma Foucault, não são tratados de filosofia nem estudos de história: no máximo, são fragmentos filosóficos em canteiros históricos”.

A entrevista de Maria Lúcia Montes, *Memória: uma questão de poder*, concedida a Wilson Nogueira, resultado do II Seminário Cultural Popular,





Patrimônio Imaterial e Cidades, organizado por Sérgio Ivan Gil Braga, discute entre outros temas sociais, os conceitos de memória e história, como trabalhar metodologicamente a memória, memória e a questão indígena brasileira, história tradicional, resgate do patrimônio imaterial, memória e poder, a relação entre imprensa, elite e poder etc.

Por fim, a resenha de Simeia Maria de Souza Torres elabora uma pequena “cartografia” conceitual do livro *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. Sua cartografia baseia-se na “metáfora do padre Antônio Vieira sobre os paradoxos que envolviam a complexa equação entre o poder régio e as distâncias que balizavam o dilatado império português – o sol, metáfora do poder temporal do rei; a sombra, malha administrativa estendida conforme a distância que, por sua vez, distorcia práticas, tradições e ordens”.

